

EQUOTERAPIA: uma perspectiva para desenvolvimento da linguagem

RIDING THERAPY: a perspective for the language development

*Fernanda Paula Ribeiro dos Santos**

■ RESUMO

Equoterapia é um método que utiliza o cavalo como instrumento de reabilitação e reeducação nos aspectos motores, sensoriais, comportamentais e sociais, através de recurso lúdico-desportivo. Esta nova modalidade de tratamento em Fonoaudiologia surge como uma perspectiva para o trabalho de desenvolvimento da linguagem, levando-se em consideração a relação com os estímulos proporcionados pela intervenção fonoaudiológica e pelo meio ambiente, pois o trabalho é realizado ao ar livre, em contato com a natureza e com outro ser vivo.

DESCRITORES: Linguagem; cavalo; comunicação.

■ ABSTRACT

Riding therapy is a method that uses the horse as a rehabilitation and reeducation instrument for the motor, sensorial, behavioral and social aspects, through a playful and sporting activity. In this new speech treatment modality for the language development we take in consideration not only the stimulus from the speech therapist but also from all the environment where it happens, outside in contact with the nature and the animal.

KEY WORDS: Language; horse; communication.

* Fonoaudióloga formada pela Faculdade de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCAMP; especialização em Linguagem – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica – CEFAC; habilitação em Equoterapia pela Associação Nacional de Equoterapia.

Orientadora: Profa. Dra Mirian Goldenberg.

■ INTRODUÇÃO

Atuando como um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo numa abordagem interdisciplinar, nas áreas de Saúde, Educação e Equitação, a Equoterapia serve para complementar o tratamento de reabilitação tradicional, proporcionando assim, um desenvolvimento biopsicosocial de pessoas com necessidades especiais (Coletânea de Trabalhos – I Congresso Brasileiro de Equoterapia, 1999). Entende-se como pessoa com necessidades especiais a que apresenta em caráter permanente ou provisório alguma deficiência física, mental, sensorial, múltiplas condutas ou altas habilidades, necessitando de recursos especializados para desenvolver-se plenamente, minimizando dificuldades. Trata-se, portanto, de toda pessoa que apresenta desvios significativos para mais ou para menos em seu processo de aquisição de habilidades psicomotoras, em termos de comunicação, socialização e aprendizagem, necessitando de terapia para contribuir na reorganização do comportamento, proporcionando o desenvolvimento.

Apesar de existir há muitos anos, a Equoterapia passou a ser divulgada no Brasil, no início da década de 70, na qual os pioneiros neste trabalho formaram a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE; Brasil), situada em Brasília, DF.

Para relacionar Fonoaudiologia e Equoterapia, o enfoque foi dado em estudos sobre a linguagem, ou seja, nas possibilidades de desenvolvimento da mesma em um ambiente diferente dos tradicionais, que são clínicas e ambulatórios.

■ METODOLOGIA

O grupo estudado para esta pesquisa foi composto por indivíduos que apresentam patologias neurológicas, sendo elas: paralisia cerebral, autismo, síndromes genéticas (como Trissomia do Cromossomo X e síndrome de Jubbart), deficiência mental (leve a moderada), hidrocefalia e esclerose múltipla, ocasionando déficits motores, físicos, lingüísticos e de aprendizagem, associados ou não.

O trabalho foi realizado no Centro Integrado de Equoterapia – CIEQ, situado no Haras Uirapuru, distrito de Barão Geraldo, Campinas, SP, juntamente com a equipe, que é formada por fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo e instrutor de equitação.

Para a realização desse trabalho, o praticante é avaliado pela equipe em uma análise clínica e outra sobre o

cavalo. A partir destas, são traçados os objetivos e, a cada terapia é feita a evolução do caso. Devemos salientar que todos os praticantes possuem autorização médica para iniciar o tratamento.

■ TRATAMENTO FONOAUDIOLÓGICO

As técnicas e métodos utilizados nos hospitais, ambulatórios ou clínicas, em Fonoaudiologia, são diversos, e o ambiente a que o paciente é exposto pode tornar-se desestimulante e, muitas vezes, insatisfatório. Este retorna à terapia sentindo-se forçado a cumprir uma ação para se recuperar da patologia mais rápido, principalmente em casos de comprometimento neurológico que, em geral, necessitam de acompanhamento a longo prazo e os resultados podem ser muitas vezes considerados demasiadamente lentos.

Indivíduos portadores de deficiência física e/ou mental, geralmente, apresentam problemas de insegurança ao realizarem qualquer tipo de trabalho que seja executado com eles. São pessoas que apresentam meios e complexos difíceis de serem superados, fazendo com que se torne difícil a obtenção de resultados satisfatórios no quadro clínico, pois nem sempre colaboram com a terapia. Esta não colaboração provém da falta de incentivo, monotonia, falta de autoconfiança, medo, fuga ou irritação.

■ O TRATAMENTO NA EQUOTERAPIA

Equoterapia foi um termo adotado pela ANDE-BRASIL em 1989, e em 1997 foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina como uma prática terapêutica que deve ser realizada por profissionais legalmente habilitados (Coletânea de Trabalhos- I Congresso Brasileiro de Equoterapia, 1999).

É indicada nos casos de lesões neuromotoras (cerebral e medular); deficiências sensoriais (áudio; fono e visual); distúrbios evolutivos e/ou comportamentais; patologias ortopédicas congênitas ou adquiridas (PROENÇA Jr, 1996); paralisia cerebral; distrofias musculares; amputações; síndromes genéticas; esclerose múltipla; atraso no desenvolvimento neuropsicomotor; retardo mental; acidente vascular cerebral; distúrbios emocionais, de linguagem e de aprendizagem; autismo, dentre outros. Porém, existem restrições quanto à idade e a algumas patologias (como epilepsia e problemas específicos de coluna).

Em Equoterapia há uma gama de profissionais atuando: fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, professores de educação física, instrutores de equitação, psicólogos e médicos (geralmente em especialidades afins com a Equoterapia, ou seja, neurologistas, fisiatras, reumatologistas, dentre outros) o que resulta em um trabalho multidisciplinar e interdisciplinar.

O indivíduo que realiza a Equoterapia é chamado de praticante, isto porque nesta atividade o sujeito do processo participa de sua reabilitação na medida em que interage com o cavalo (Coletânea de Trabalhos – I Congresso Brasileiro de Equoterapia, 1999). A terapia é realizada com o praticante em diversas posturas sobre uma manta especial no dorso do cavalo, o que favorece um contato maior entre ambos, fornecendo uma transmissão de calor e produzindo uma sensação de conforto e relaxamento. Dependendo da patologia ou do grau de comprometimento físico, indica-se o uso da sela para alguns praticantes.

Os primeiros momentos são aproveitados para facilitar a adaptação do praticante sobre o cavalo. Durante esse instante, a cadência de movimentos produzidos pela andadura, ao passo do animal, causa uma adequação no tônus muscular, oferecendo com isso maior facilidade para se trabalhar todos os exercícios que serão realizados durante a sessão.

Para a realização do trabalho é necessário o auxiliar guia, que conduz o cavalo, e auxiliares laterais, para montarem junto com o praticante ou o acompanharem; se o praticante não tiver condições de montar sozinho no animal, há necessidade de um dos auxiliares laterais acompanhá-lo, até que obtenha os requisitos mínimos necessários para fazê-lo sem o auxiliar, ou seja, auto-suficiência, controle de tronco e cabeça.

Os resultados obtidos com as influências da Equoterapia na (re)educação motora do praticante são vistos nos seguintes fatores: postura de base; solicitações cinéticas provocadas pelos movimentos do cavalo; informações sensitivas e sensoriais provenientes do sistema vestibular, dos proprioceptores dos músculos e articulações; percepção da auto-imagem; organização espaço-temporal; e modificações na natureza psicológica (TERRASSANI, 1992).

■ LINGUAGEM

Para poder discorrer sobre linguagem em Equoterapia, devemos focar não só a linguagem do ser humano, mas também o modo de comunicação do cavalo e, ainda, a relação que se estabelece entre os homens e esses animais.

A Linguagem do Cavalo

A linguagem do cavalo é emocional, espontânea e sincera. Em geral os animais não disfarçam seus sentimentos, enquanto o homem é capaz de fingi-los ou omiti-los.

O cavalo pode comunicar muitos de seus pensamentos e intenções a seus semelhantes mediante movimentos bem leves das patas, das orelhas, da cauda e dos músculos faciais, especialmente dos localizados ao redor da boca e do focinho. Assim, pode-se prever um comportamento ameaçador ou desconfiado (HONTANG, 1993). É conhecido e admirado o valor desse animal na vida do homem e o quanto tem sido útil no progresso da humanidade, associado à nossa evolução. Foi utilizado como meio de conquista, de transporte, de trabalho, de veneração e de crença, na mitologia, na fabricação de soro e vacina, no lazer e no esporte. Hoje, é dado a ele grande destaque como agente de reabilitação e educação (Coletânea de Trabalhos – I Congresso Brasileiro de Equoterapia, 1999).

A Linguagem Humana

Trataremos do tema linguagem do ponto de vista de diferentes autores, procurando relacionar seu desenvolvimento ao trabalho de Equoterapia.

Para SYDER (1997), o desejo de nos expressar é vital e origina-se dos esforços em satisfazer tanto as necessidades de ordem física quanto emocional. Trata-se de um meio de sobrevivência, proteção e estimulação para interagir com outros seres humanos.

O termo linguagem refere-se à habilidade de manipular símbolos, sejam eles palavras faladas, escritas ou gravuras e gestos. Os símbolos utilizados com mais frequência são as palavras, embora nem sempre necessitem de ser ditas em voz alta. Pensamos com palavras e é muito difícil mantê-las fora de nosso pensamento (SYDER, 1997).

SOUZA (1996) afirma que Saussure iniciou a ligação da pesquisa lingüística com o social, interpretando a língua principalmente como meio de comunicação entre os homens; por isso a dividiu em “la langue” (a língua), ou seja, o trabalho, e “la parole” (a fala).

Em 1934, Karl Bühler (SOUZA, 1996) desenvolveu uma teoria da psicologia da linguagem. Pesquisou e formulou o papel da linguagem na vida humana e chegou a três funções principais: a representação, a expressão e a comunicação.

Segundo Lúria (SOUZA, 1996), a linguagem serve de substrato para melhor compreensão do mundo, e a melhor compreensão do mundo traz novos instrumentos de apoio.

Para ZORZI (1993), a linguagem é um meio socialmente privilegiado de representar fatos e acontecimentos que dizem respeito ao passado, presente e futuro. Esta linguagem está carregada de significados que correspondem a um conhecimento social, mas que não é compreendido pela criança somente por meio de exposições lingüísticas.

SYDER (1997) afirma que a criança mais compreende do que se expressa, e a linguagem apresenta duas funções: a expressiva e a receptiva, a qual relata que é conveniente segmentar o ato complexo de comunicação em grupos de comportamentos verbais e não-verbais. Cada um de nós tem um conhecimento inerente de como a comunicação funciona e, quando ele é trazido ao nível consciente, o processo de comunicação pode ser estruturado.

LAUNAY (1989) diz que o sistema simbólico lingüístico que a criança deve assimilar é adquirido progressivamente pelo contato com o meio. O autor cita duas funções que são próprias da linguagem:

- ❑ *Função informativa:* a linguagem é uma comunicação com o outro, ou seja, é o modo mais elaborado e genuinamente humano da comunicação.
- ❑ *Função representativa:* a linguagem serve para representar o universo, para dizê-lo para si mesmo.

Piaget (GOULART, 1993) enfatiza o importante papel que um sistema lingüístico desempenha no desenvolvimento do pensamento conceptual. A linguagem é o veículo de simbolização, sem o qual o pensamento nunca pode realmente se tornar socializado.

VIGOTSKY (1995) assume uma posição um tanto diferente e afirma que o pensamento e fala têm raízes diferentes e que a última não é simples continuação do primeiro. Há um estágio pré-lingüístico no desenvolvimento do pensamento e um estágio pré-intelectual no desenvolvimento da fala e por algum tempo esses processos se desenvolvem independentemente. Contudo, em alguns estágios do desenvolvimento, há um encontro entre pensamento e fala, quando o pensamento se torna verbal e a fala racional.

Linguagem e Equoterapia

O enfoque da relação da linguagem com o meio ambiente como favorecedor de comunicação talvez seja um estudo que se empenhe na linguagem privativa de situações especiais, uma linguagem codificada a qual o significado e, também, o conteúdo emocional das palavras não são só expressos foneticamente, mas em imagens.

De acordo com ANTUNES (1984), Freud, em seus trabalhos, já receitava andar a cavalo para seus pacientes, isso porque comparava o “balanço” do animal ao andar humano e ao feto no útero materno, proporcionando, assim, uma regressão.

Jung tinha o cavalo como um arquétipo forte e poderoso e chegou a se perguntar se o cavalo simbolizaria a mãe. Não duvidou de que este expressa o lado mágico do homem, a “mãe de nós”, a intuição do inconsciente. Desse caráter mágico do cavalo origina-se a crença de que a ferradura traz boa sorte. Em razão de sua velocidade, os cavalos podem significar os ventos e as espumas do mar, bem como o fogo e a luz (CIRLOT, 1984).

Para DOLLE & BELLANO (1996) o objetivo da terapia é ajudar o indivíduo a “construir” as estruturas do conhecimento. Para os autores, essa tarefa é de difícil organização e realização, sendo que o terapeuta deve estar atento às mudanças que ocorrem nas atividades da pessoa, destacando circunstâncias novas e analisando-as. Com isso, inúmeras atividades terapêuticas vêm sendo pesquisadas, com o objetivo de desenvolver formas de reabilitação e reeducação eficazes e motivadoras para a pessoa com necessidades especiais.

Segundo BRANDÃO (1999), a teoria ecológica de Bronfenbrenner surge como uma considerável modalidade de tratamento para conduzir a terapia infantil. A Teoria dos Sistemas Ecológicos apresenta uma abordagem global e sistêmica, que considera o ser como um sujeito ativo capaz de receber influências do ambiente e agir sobre o mesmo, realizando atividades e desenvolvendo relações interpessoais nessa troca com o meio. Daí a relação da Equoterapia com o crescimento psicológico e, conseqüentemente, com outras áreas do desenvolvimento. Para esse autor, as atividades molares constituem a manifestação principal e mais imediata tanto do desenvolvimento da criança, como das forças mais poderosas do ambiente que instigam o desenvolvimento, sendo estas o veículo principal de influência direta do ambiente na pessoa.

Entenda-se por atividade molar uma conduta progressiva que possui um momento próprio e que tem um significado ou uma intenção para a pessoa que participa do ambiente (BRANDÃO, 1999).

Para Bronfrenbrenner (1987), o desenvolvimento humano traduz-se no crescimento psicológico, que se reflete no conteúdo que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento, e como a natureza desse material psicológico se modifica de acordo com a exposição e interação da pessoa com o ambiente. O desenvolvimento ocorre de maneira dinâmica, de forma que o indivíduo também influencia o meio em que vive.

DINELLO (1998) afirma que o uso de objetos para promover o desenvolvimento da criança é fundamental. A partir dessa concepção, podemos relacionar a utilização do cavalo como objeto na Equoterapia. Sem o objeto, a relação adulto-criança caracteriza-se pela dependência, ou seja, pelo vínculo que se estabelece entre ambos: a liberdade de ensaiar, experimentar e aprender fica anulada.

Através da intervenção adequada do adulto e das interações que se criam com os objetos, surgem situações favoráveis ao aparecimento dos “porquês” e os conceitos vão formando-se, possibilitando vias para a aprendizagem.

Segundo AGUIAR (1998), um conceito forma-se mediante uma operação mental, que é dirigida pelo uso de palavras (signos e símbolos lingüísticos) como meio de centrar ativamente a atenção no conceito a ser formado. As operações com signos são produtos das condições específicas do desenvolvimento social e, sendo assim, têm papel crucial no desenvolvimento individual, influenciando sobremaneira a aquisição de conceitos.

De acordo com AGUIAR (1998) é possível analisar o desenvolvimento da linguagem em quatro principais correntes psicológicas: a cognitivista, a sócio-histórica, a behaviorista e a neobehaviorista.

A teoria cognitivista privilegia os processos centrais, ou seja, organização do conhecimento, processamento de informações, estilos de pensamento e comportamentos relativos a tomadas de decisão.

Os cognitivistas procuram interpretar a aquisição da linguagem dando ênfase às construções mentais, apoiando-se em hipotéticos processos internos de assimilação, avaliação, armazenamento e utilização da informação, preocupando-se acerca de como as novas informa-

ções e experiências serão incorporadas às estruturas cognitivas do sujeito. Então, o desenvolvimento da linguagem é considerado como um processo interno, não passível de observação direta, inferido do desempenho verbal da pessoa. A estrutura cognitiva existente, tanto o conjunto de idéias presentes no indivíduo como as suas propriedades organizacionais, em um assunto específico, é o principal determinante da aprendizagem.

Para autores de uma perspectiva sócio-histórica, como Leontiev, Luria e Vygotsky, existe uma relação dialética entre o homem e o mundo, mediada pela linguagem; a atividade mental humana é histórica e socialmente construída; a aprendizagem e o desenvolvimento são processos interagentes e mutuamente dependentes. Esses autores enfatizam o papel do aprendizado no processo do desenvolvimento psíquico e procuram explicitar como o desenvolvimento e o funcionamento mental integram aspectos históricos, culturais, psicológicos e lingüísticos, dentro de uma sociedade organizada pelo trabalho.

Para Vygotsky (AGUIAR, 1998), a linguagem é uma função psicológica, característica da espécie humana. É uma atividade de representação e interlocução, desenvolvida histórico-socialmente, que modifica e reestrutura as funções psicológicas superiores. Destaca que a formação de conceitos se inicia nas experiências da criança no mundo físico e social, cabendo ao ensino formal a importante missão de propiciar condições para desenvolver na criança o processo de percepção generalizante.

Os conceitos incorporados à mente da criança possuem um vínculo que os une, possibilitando operações intelectuais que exigem coordenação de pensamentos, o que permite uma concepção geral do mundo. Cada novo estágio de desenvolvimento da generalização se constrói sobre as generalizações do nível precedente e assim os produtos da atividade intelectual das fases anteriores não se perdem.

Na abordagem behaviorista, o conceito refere-se à contingência na qual uma resposta comum é evocada por uma classe de estímulos, na presença da qual a resposta é reforçada. Essa teoria rejeita os processos mentais e destaca o papel da discriminação (interclasses de estímulos) e da generalização (intraclasses de estímulos) no processo de aquisição dos conceitos, que, para os estudiosos do comportamento, estão entre os mais importantes fenômenos com que lidam. O conceito é aprendido pelo processo de condicionamento.

AGUIAR (1998) ressalta Keller e Schoenfeld, que consideram que conceito é apenas um nome para uma determinada espécie de comportamento e propõem que se fale em comportamento conceitual. Quando um conjunto de eventos-estímulos forma uma classe a cujos membros o organismo reage de modo semelhante tem-se um conceito, isto é, a essência do comportamento conceitual é a discriminação interclasses e a generalização intraclasses de estímulo.

No behaviorismo a linguagem exerce um papel significativo na aquisição de conceitos. Como uma função comunicativa ela é, ao mesmo tempo, produto da cultura e instrumento para sua transmissão. O comportamento verbal é reforçado pela mediação de outras pessoas.

AGUIAR (1998) ressalta que Skinner considera que a linguagem, como qualquer outro comportamento, é adquirida através do condicionamento operante. Ela é aprendida exclusivamente por meio da experiência, e para sua ocorrência são necessários um emissor, um receptor e uma interação social entre eles.

No modelo neobehaviorista, autores como Gagné, Staats e Staats privilegiam a metodologia experimental, aceitam os princípios de discriminação e generalização como explicativos do comportamento conceitual, mas ao mesmo tempo valorizam o papel da linguagem e dos processos mediacionais. Como neobehavioristas, esses autores acrescentaram às explicações operantes as respondentes, quer acentuando a questão da associação por contigüidade, quer enfatizando a mediação pelo significado, cuja aquisição é explicada pelo paradigma respondente.

■ CONCLUSÃO

A Equoterapia proporciona o desenvolvimento da pessoa com necessidades especiais através da realização de atividades que utilizam o cavalo como objeto mediador entre o praticante e o terapeuta. Trata-se de uma atividade terapêutica que se distingue do ambiente clínico dos consultórios e que pode aumentar a espontaneidade das relações interpessoais. O cavalo, freqüentemente, é aquele ao qual a pessoa dirige o seu discurso para dizer ao interlocutor o que ela não consegue diretamente.

Sem os objetos mediadores a criança está limitada à relação interpessoal, transformando o sujeito em objeto, o que possibilita o desenvolvimento de competição violenta e aumento da agressividade. Já na experiência com objetos são permitidas a elaboração de sentimentos, inquietações, frustrações e socialização.

A experiência mostra que o tratamento realizado através desta nova intervenção terapêutica é benéfico em vários níveis para o praticante, pois se trata de um tipo de terapia inusitado, na qual este é visto holisticamente e, ainda, é realizada ao ar livre e em cima de um ser vivo que é dócil e o aceita como é. O praticante e o cavalo estabelecem uma relação harmoniosa e conseguem atuar juntos. O código usado nesta relação é o da afetividade, estabelecida graças à confiança recíproca.

O uso do cavalo estimula o desenvolvimento emocional e o crescimento pessoal. Sua presença no contexto terapêutico promove um meio que lembra o da família, fornecendo ao praticante a sensação de hospitalidade, o que facilita o desenvolvimento das atividades equoterápicas. Esta terapia proporciona, portanto, que pais, praticantes e terapeutas tenham uma relação mais próxima.

De acordo com relato dos pais, os resultados do tratamento são rapidamente observados, pois os praticantes logo apresentam mudanças, seja na área psicológica, lingüística, motora, comportamental ou no processo de aprendizagem.

Podemos verificar que os praticantes, quando vão para o tratamento e enquanto estão em tratamento, sobre o cavalo, todos apresentam uma enorme satisfação. Esta alegria transforma a seriedade da terapia numa sessão em que o aspecto lúdico predomina. Portanto, a vontade de traduzir seus sentimentos em palavras ou sons faz com que a tentativa de comunicação de praticantes que não falam ou apenas realizam alguns sons seja feita para demonstrar seu mais nobre momento: o da comunicação, seja com o meio ambiente, com os interlocutores, com si próprio ou até como forma de agradecimento ao animal. Interagindo com o meio ambiente, o indivíduo aumenta sua capacidade cognitiva.

Por esta visão, relacionar Equoterapia e desenvolvimento de linguagem refaz, do laço do estudo, um nó que se desata sem esforço e apresenta uma ou mais alças; o vínculo.

Quando a criança começa a falar, ela está descobrindo sua relação com as pessoas e os objetos; a linguagem permite-lhe reproduzir esta realidade.

Devemos lembrar que o papel da imitação no acesso à linguagem também é essencial, ou seja, desde os primeiros elementos verbais de comunicação, a criança penetra na via da linguagem falada pelos seus interlocutores. E esta mesma linguagem se constituirá como modelo e referência constante.

Desde a mais tenra infância a criança é exposta a inúmeras possibilidades de interação com os ambientes ecológicos e social, bem como com seu próprio comportamento. À medida que ela se desenvolve, essas interações vão sendo gravadas e tornando mais complexo o seu comportamento conceitual, com base em controles por estímulos cada vez mais sofisticados.

Os movimentos cadenciados do animal e a alegria de comandá-lo fazem com que a participação ativa do praticante, no decorrer da terapia, traga pontos positivos e incomensuráveis.

A Equoterapia vem ao encontro da necessidade de amenizar a longa trajetória desses pacientes, que, frequentemente, são acompanhados por diversos profissionais (e muitas vezes em diferentes lugares), podendo ser trabalhados por mais de um profissional, ao mesmo tempo, e em um só local. A interação com o animal, incluindo os primeiros contatos, os cuidados preliminares, a montaria e o manuseio final, desenvolve ainda novas formas de socialização, confiança em si mesmo e auto-estima. Para os praticantes é muito importante o processo de chegada, aproximação e despedida do animal, visto que um vínculo forte é estabelecido.

No final da terapia, a descontração e o relaxamento com a volta ao passo lento (após, por vezes, ter passado alguns momentos pelo trote) servem para que o praticante e o animal retornem ao seu batimento cardíaco normal e se despeçam.

Torna-se um ritual o abraço da chegada e o da despedida, além de carinhosos afagos no animal durante o decorrer da terapia.

■ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J. S. – **Jogos para o ensino de conceitos: leitura e escrita na pré-escola.** Campinas, Papirus, 2ª edição, 1998, p.9-34.
- ANTUNES, C. A. – **Símbolos de animais e plantas.** Apostila fotocopiada, São Paulo, 1984/91. 53p.

Endereço:

Rua José Paulino, 1613 – ap. 52 – Centro
13013-002 – Campinas – SP
Tels.: (19) 3237-0733/9761-8567
ferpaula@dglnet.com.br

- BRANDÃO, L. – **Equoterapia: uma análise da significância, persistência e complexidade das atividades.** Santa Maria, 1999 [Monografia de Especialização; Universidade Federal de Santa Maria (RS); Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano; área de concentração em Desenvolvimento Humano.
- BRONFENBRENNER, U.; CROUTER, A. – **La ecología del desarrollo humano.** Barcelona, Ediciones Paidós, 1987, 346p.
- CIRLOT, J. E. – **Dicionário de símbolos.** Trad. por Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo, Moraes, 1984.148p.
- COLETÂNEA DE TRABALHOS I CONGRESSO BRASILEIRO DE EQUOTERAPIA. – **Fundamentos básicos sobre equoterapia.** Brasília, ANDE BRASIL, 1999, p. 13; 6.
- DINELLO, R. – **Expressão e criatividade.** Montevideu, Ed. Nuevos Horizontes, 2ª edição, 1998, 72p.
- DOLLE, J.M.; BELLANO, D. – **Essas crianças que não aprendem.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1996, 195 p.
- GOULART, I. B. – **Piaget: experiências básicas para utilização do professor.** Petrópolis, Vozes, 8ª edição, 1993, 148 p.
- HONTANG, M. – **A psicologia do cavalo: metodologia do trabalho.** Tradução Aristeu Mendes Peixoto, Rio de Janeiro, Editora Globo, volume 2, 3ª edição, 1993. p.43-56.
- LAUNAY, C. – **A linguagem da criança suas funções e fundamentos fisiológicos. Distúrbios da linguagem da fala e da voz na infância.** Maissony Borel; S. Roca; São Paulo, Roca, 2ª edição 1989 a . p.3-14.
- PROENÇA JR, G.V. – **Histórico e fundamento da equoterapia.** Apostila do I Estágio de Habilitação em Equoterapia, 1996, Brasília; DF.
- SOUZA, R. F. – **Uma investigação do desenvolvimento da linguagem e sua conexão com a sexualidade.** Campinas, 1996. [Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental; Universidade Estadual de Campinas]
- SYDER, D. – **Introdução aos distúrbios de comunicação.** Rio de Janeiro, Revinter, 1997, 179p.
- TERRASSANI, W.J. – **A hipoterapia como tratamento coadjuvante do método neuroevolutivo na paralisia cerebral.** Campinas, 1992 [Monografia; Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Fisioterapia].
- VYGOTSKY, L.S. – **Pensamento e linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1995, 138p.
- ZORZI, J. L. – **Aquisição da linguagem infantil: desenvolvimento/alterações / terapia.** Pancast. 1993. 103p